

La Comédiathèque

Demasiado é demasiado!

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Demasiado é demasiado!

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Uma comédia de esquetes que aborda de maneira humorística temas sempre atuais, partindo desta constatação trágico-cômica: quando alguém não se move por muito tempo, acaba encontrando-se em outro lugar sem perceber, porque o mundo ao seu redor mudou...

Os 30 personagens desses 15 esquetes podem ser interpretados por 2 a 30 atores, de qualquer sexo

1 – Demasiado cedo.....	3
2 – Demasiado ocupado.....	5
3 – Demasiado radical.....	9
4 – Demasiado bom.....	13
5 – Demasiado rico.....	16
6 – Demasiado cortês.....	18
7 – Demasiado curta.....	21
8 – Demasiado rápido.....	22
9 – Demasiado cansativo.....	25
10 – Demasiado tempo.....	27
11 – Demasiado lento.....	29
12 – Demasiado centrista.....	31
13 – Demasiado estático.....	34
14 – Demasiado é demasiado.....	36
15 – Demasiado tarde.....	38

1 – Demasiado cedo

Um personagem entra. Pausa um instante antes de se dirigir aos espectadores.

Um – Não cheguei demasiado tarde, certo? (*Pausa*) Não, se fosse assim, imagino que já teriam ido embora... (*Percorre o cenário, um pouco inquieto*) Ou talvez cheguei um pouco cedo demais... (*Pausa*) Não, se fosse assim, vocês já não estariam aqui... (*Pausa*) Estão aqui há muito tempo?

Outro personagem entra, também um pouco nervoso.

Dois – Não cheguei tarde, pois não?

Um – Desculpa?

Dois – Não, como já estás aqui...

Um – Ah, sim... Não, não... Chegas mesmo a tempo. Acho...

Dois – Há quanto tempo me esperas?

Um – Não... (*Pausa*) Na verdade, para ser sincero... não te esperava.

Dois – Ah, não?

Um – De todo modo, não tão cedo... E tu?

Dois – Eu?

Um – Estavas à minha espera aqui?

Dois – Quer dizer... Pensava que já não estarias aqui.

Um – Exatamente, estava mesmo para ir embora.

Dois – Por pouco... Podíamos ter nos cruzado...

Um – Enfim, estamos os dois aqui, que é o mais importante...

Dois – Sim, começa a parecer um encontro, não?

Um – Um encontro?

Dois – Estar duas pessoas ao mesmo tempo, no mesmo lugar. Isso chama-se um encontro, não é?

Um – Sim.

Dois – Se for planeado com antecedência, pelo menos.

Um – E se todos estiverem de acordo...

Dois – Não sei porquê, um encontro... Faz-me pensar num encontro espacial.

Um – Ah, sim?

Dois – Encontrar-se exatamente ao mesmo tempo, no mesmo lugar, no espaço-tempo infinito do universo.

Um – Um encontro... entre duas naves espaciais, queres dizer?

Dois – Duas naves que vão acoplar suavemente uma na outra. A uma velocidade fenomenal, embora pareça que estão imóveis, porque ambas vão exatamente à mesma velocidade. Uma manobra de extrema delicadeza, o menor erro poderia ser fatal...

Um – Duas naves que vão acoplar uma na outra?

Dois – É uma metáfora...

Um – Como estava a dizer... Se todos estiverem de acordo...

Dois – Claro...

Um – Mas também poderia ser um simples encontro casual.

Dois – Um encontro casual?

Um – Fortuito.

Dois – Fortuito?

Um – Uma coincidência.

Dois – Sim... Bem... Sabes o que dizem...

Um – Não.

Dois – Não há coincidências, apenas encontros predestinados.

Um – Também há encontros falhados.

Dois – Nesse caso, este correu bastante bem. Já que estamos aqui os dois.

Um – E o público também.

Dois – É verdade.

Um – É a magia do teatro.

Dois – Assim, já que todos estamos aqui.

Um – Ao mesmo tempo.

Dois – No momento certo.

Um – Nem demasiado cedo, nem demasiado tarde.

Dois – E não temos nada melhor para fazer.

Juntos – Que comece o espetáculo...

Escuro.

2 – Demasiado ocupado

Dois personagens, ambos mais velhos, cruzam-se. O primeiro está vestido de forma esportiva e parece cheio de energia. O segundo está vestido de maneira mais clássica para sua idade e parece mais apagado. O primeiro reconhece imediatamente o segundo.

Um – Mas...? O que fazes tu por aqui?

O outro parece surpreendido.

Dois – Conhecemo-nos?

Um – Conhecemo-nos? (*Apresentando-se*) Gabi! Trabalhámos juntos na mesma empresa durante quarenta anos!

Dois – Ah, sim?

Um – Então, velho, como vai a reforma?

Dois – Vai bem... E contigo?

Um – Eu? Pensava que ia aborrecer-me. Mas nada disso... Não tenho nem um minuto livre.

Dois – Ah, sim?

Um – Bem, às segundas-feiras tenho o meu clube de caminhada. Na semana passada escalámos um vulcão.

Dois – Um vulcão?

Um – Um vulcão antigo. Extinto, obviamente. Para descer é bom, mas para subir...

Dois – Sim, é como com as escadas...

Um – Às terças-feiras, dou aulas de alfabetização.

Dois – No instituto?

Um – Na prisão.

Dois – Ah, já vejo...

Um – Há muitos estrangeiros entre os presos, então, claro, há muitos analfabetos também...

Dois – Ah, sim... Como no instituto, no fim de contas.

Um – É muito enriquecedor, sabes?

Dois – Ah, porque te pagam?

Um – Enriquecedor... humanamente, quero dizer. É voluntariado, obviamente. Damos-lhes muito, mas recebemos muito em troca, garanto-te. Alguns vêm de países de que nem sequer conhecia a existência. É uma troca, é isso. Aprendemos tanto quanto eles, sabes? Sobre a língua deles... sobre a cultura deles... Contam-me as suas vidas... Partilhamos memórias... Até receitas de cozinha, às vezes...

Dois – Uau... Deve ser fascinante.

Um – Onde é que eu ia?

Dois – No quarta-feira, acho...

Um – Então na quarta-feira, é sagrado! Tomo conta dos meus netos. Como os dois pais trabalham. Uma verdadeira alegria. Tenho sorte, vivem mesmo em frente à nossa casa. Tens netos?

Dois – Três. Vivem na Austrália.

Um – Ah, que pena...

Dois – Sim, bem...

Um – Ontem levei-os ao jardim zoológico. Vais rir-te, mas nunca tinham visto macacos na vida real. Devias ter visto as caras deles! Bem, não ficámos muito tempo. Eram bonobos...

Dois – Ah, sim... E ainda por cima é primavera.

Um – Depois fomos ao McDonald's... Não é muito do meu feitio, mas pronto. Se não queremos afastar-nos dos jovens, temos que fazer alguns compromissos.

Dois – Com certeza...

Um – Às quintas-feiras... tenho a minha aula de chinês.

Dois – Estás a aprender chinês?

Um – É realmente fascinante, garanto-te. E não é tão complicado como parece.

Dois – Se tu o dizes...

Um – Sabes como se diz olá em chinês?

Dois – Confesso que até agora tenho conseguido sobreviver sem saber.

Um – Ni hao.

Dois – Miau?

Um – Ni hao!

Dois – Ah, sim? Mas por que chinês? Pensas ir à China?

Um – Por que não? Senão, sempre posso bater um papo com o dono do restaurante chinês que acabou de abrir na cidade. As Delícias de Pequim. Sabes, mesmo em frente à câmara municipal.

Dois – As Delícias de Saigão... Acho que é vietnamita.

Um – Ah sim? Às sextas-feiras tenho o meu clube de leitura...

Dois – Ainda tens tempo para ler, com tudo isso? Bem, sempre sobram os fins de semana.

Um – Fins de semana? Estás a brincar! No sábado tenho a minha aula de teatro e no domingo é o coro.

Dois – Uau... Não te aborreces, de facto.

Um – Isso é o que tu dizes... Às vezes pergunto-me se não deveria abrandar um pouco. Afinal, já não temos vinte anos.

Dois – É verdade... Embora eu, aos vinte anos, já não fizesse muito.

Um – É preciso manter-se ativo se queremos manter a forma. E sobretudo manter os neurónios funcionando, porque senão... Já viste? Há pouco nem sequer me reconheceste!

Dois – É que...

Um – Sabias que a partir dos sessenta anos, o nosso cérebro perde 100.000 neurónios por dia?

Dois – Então não devem restar muitos...

Um – Bem, e tu, conta-me!

Dois – Eu?

Um – O que fazes com os teus dias!

Dois – Eu... nada.

Um – Nada?

Dois – Aborreço-me.

Um – Não pode ser... Mas se quiseres, já sabes...

Dois – Não, obrigado.

Um – Não, o quê?

Dois – Não, não me apetece.

Um – Ah, não?

Dois – Sinceramente, prefiro continuar a aborrecer-me.

Um – Ah sim...?

Dois – Sim.

Um – Bem... Quando me encontrar com os antigos colegas da RENFE, darei notícias tuas. Sabes o que esses sacanas me deram quando me reformei?

Dois – Não...

Um – Um comboio elétrico!

Dois – Ah, esses sacanas...

Um – Reunimo-nos uma vez por ano em junho para uma boa refeição e falar dos velhos tempos. Poderias vir!

Dois – Eh, sim, por que não...? Mas sabes, eu fiz toda a minha carreira na Iberia.

Um – Ah, sim...?

Dois – Fui piloto de linha.

Um – OK... Não te prendo mais. Além disso, tenho que ir. Também ajudo ao meio-dia na Cruz Vermelha. Não tenho nem tempo para comer. Digo-te: não tenho nem um minuto livre!

Dois – Sim, deve ser diferente da RENFE.

Um – Bem... Então... Adeus, Alex...

Dois – Chamo-me Dani.

Um – De qualquer modo, aproveita a tua reforma.

Dois – Sim, tu também. Então... Tam biêt.

Um – Tam biêt...?

Dois – Significa adeus em vietnamita.

Um – Claro...

O primeiro afasta-se, ainda cheio de energia, enquanto o segundo fica perplexo.

Escuro.

3 – Demasiado radical

Um personagem está lá, vestido da forma mais discreta possível (com um impermeável e óculos escuros, por exemplo). Chega um segundo personagem, com estilo muito tradicional. Vacila um pouco antes de se dirigir ao primeiro.

Dois – Bom dia, sou...

Um – Não tão rápido... Tem a senha?

Dois – Ah, sim... É verdade... A senha... O que era mesmo...? Esqueci um pouco, sabe... E como me disse para não anotá-la de forma alguma em papel. Então deixe-me lembrar... Pronto! Uma maçã por dia mantém o médico afastado...

Um – Desde que apontada corretamente.

Dois – Isso foi o que Churchill disse, certo? Espero que como ele, você não me proponha apenas sangue e lágrimas.

Um – Na verdade... Não é uma pera, é uma maçã, mas tudo bem... Também não precisa ser tão rígido.

Dois – Uma maçã, claro... Não sei por que disse pera... Deve ter sido... uma pera para lavagem intestinal.

Um – Uma pera para lavagem intestinal?

Dois – O médico, a pera para lavagem intestinal...

Um – Muito bem... E então...?

O outro estende a mão para se apresentar.

Dois – Alex Riviera. Obrigado por me receber...

Um – Dani Belmonte, da Agência de Detetives Belmonte e Belmonte.

Dois – Senhor Belmonte...

Um – Claro, esse não é meu verdadeiro sobrenome.

Dois – Claro.

Um – Pode me chamar de BB.

Dois – BB?

Um – BB! Belmonte e Belmonte...

Dois – Claro.

Um – Tem certeza de que ninguém o seguiu?

Dois – Mudei de táxi três vezes para vir aqui, como você indicou. E deixei meu celular em casa para não ser localizado pelo GPS.

Um – Muito bem, então estou ouvindo.

Dois – Não é fácil dizer, sabe... À minha idade, nunca pensei que chegaria a isso um dia...

Um – Não se preocupe, estou acostumado... Então do que se trata? Adultério? Procurar herdeiros? Espionagem industrial?

Dois – Gostaria que encontrasse alguém para mim.

Um – Muito bem... Um amigo perdido? Um amor de juventude? Um filho ilegítimo?

Dois – Mais... um médico que ainda aceite novos pacientes.

Um – Entendi...

Dois – Sei que meu pedido pode surpreendê-lo...

Um – Você é o terceiro esta semana.

Dois – Ah, sim...?

Um – Infelizmente, não faço milagres.

Dois – Entendo. Mas pelo menos me permitirá ter esperança...?

Um – Hoje em dia, sabe, encontrar um médico para um paciente saudável é mais difícil do que encontrar o amante da sua esposa para um cornudo.

Dois – Imagino. Mas tentei de tudo, acredite. Até consultei uma vidente.

Um – Já vejo...

Dois – Ela encontrou um médico idoso para mim numa vila da Estremadura. Estava até disposto a mudar-me para lá.

Um – Na Estremadura?

Dois – Sim, pensei o mesmo, era um pouco radical, mas... Nem precisei tomar essa difícil decisão. Ele morreu alguns dias depois.

Um – Às vezes os médicos também têm saúde frágil.

Dois – Tinha 102 anos.

Um – Ah, já percebi...

Dois – Até fiz uma peregrinação a Lourdes, mas lá também...

Um – É um deserto médico...

Dois – Você é a minha última esperança...

Um – Ou seja, hoje em dia... para um médico aceitar um novo paciente, tem que morrer um dos seus próprios pacientes antes dele.

Dois – Estou perfeitamente ciente disso.

Um – E para ocupar o lugar do falecido, também deve ser o primeiro a saber da sua morte.

Dois – Foi o que entendi.

Um – O que, aliás, nem sempre é muito reconfortante.

Dois – E por que não seria?

Um – Escolher um médico cujos pacientes caem como moscas...

Dois – É verdade, não tinha pensado nisso.

Um – Se quiser, posso recomendar um colega.

Dois – Outro detetive, quer dizer? Especializado mais em medicina.

Um – Na verdade, eu pensava mais em... um assassino de aluguel.

Dois – Não tenho certeza se entendi...

Um – Como eu disse, para que uma vaga seja liberada...

Dois – Um paciente tem que morrer.

Um – Então, se você encomendar a execução, é claro...

Dois – Serei o primeiro a saber que a vaga foi liberada...

Um – E pelo menos, nesse caso, a responsabilidade pela morte desse paciente não recairá sobre o seu médico.

Dois – O que me permitiria ter esperança de que ele não seja necessariamente um mau médico.

Um – Isso é tudo o que posso oferecer, infelizmente.

Dois – Vou levar um tempo para pensar sobre isso.

Um – Não muito, porque, você sabe... até os assassinos de aluguel estão começando a ficar um pouco ocupados. Pelo menos os mais profissionais entre eles.

Dois – Os mais profissionais...?

Um – É preciso escolher alguém suficientemente discreto. Não vá você acabar na cadeia por ter contratado um assassinato.

Dois – Embora... na cadeia, pelo menos, provavelmente teria um médico.

Um – Isso, meu caro amigo, não está de forma alguma garantido.

Dois – Bem... vou optar por um assassino de aluguel... Tem alguém de confiança que possa recomendar?

O outro lhe entrega um cartão de visita.

Dois – Domínguez e Domínguez, assassinos de aluguel graduados.

Um – Claro, imagino que esses não sejam seus nomes reais também.

Dois – Curiosamente, são.

Um – Muito bem. Obrigado, doutor. Quero dizer, obrigado, Sr. Belmonte...

Dois – Estou à sua disposição...

Um – E a propósito... não saberia, por acaso, de um bom dentista...? (*O outro o olha, mas não responde*) Tudo bem...

Escuro.

4 – Demasiado bom

Um personagem está lá, vestido de negro com uma gola branca de clérigo. Chega outro, vestido num estilo muito popular.

Dois – Bom dia, padre.

Um – Bom dia, meu filho. Em que posso te ajudar?

Dois – Bem, vês... Eu gostaria de saber como garantir minha entrada no paraíso.

Um – Garantir...? Sabes, o paraíso não é algo garantido para ninguém, meu filho.

Dois – Nem mesmo para os padres?

Um – Todos somos pobres pecadores. Eu também. Sabes o que Jesus disse para aqueles que queriam apedrejar uma mulher adúltera?

Dois – Não... O que ele disse?

Um – Que quem estiver livre de pecado atire a primeira pedra.

Dois – Ok, mas além de evitar apedrejar mulheres... Deve haver algumas coisas para ganhar pontos, certo?

Um – Também não é um jogo com uma pontuação a alcançar, além da qual a entrada seja automática. É a critério de Deus.

Dois – Mas com certeza tens alguma ideia, não é? Afinal, és o especialista...

Um – Claro... Digamos que... Devemos nos esforçar para fazer o bem ao nosso redor.

Dois – Fazer o bem.

Um – Devemos ser bons.

Dois – Sim.

Um – Parece que isso te deixa perplexo, meu filho.

Dois – Quero dizer, é o que minha esposa frequentemente diz.

Um – Tua esposa?

Dois – Quem é bonzinho, é sempre comido.

Um – Desculpe?

Dois – Quem é bonzinho, é sempre comido. Isso é o que minha esposa me diz.

Um – E o que entendes por isso, meu filho?

Dois – Bem... Ela parece insinuar que quando és muito bom, os outros se aproveitam.

Um – Entendo.

Dois – O que pensas sobre isso, padre? Achas que pode ser bom demais?

Um – Bom demais? Bem...

Dois – Porque eu só quero ser bom o suficiente para ir ao paraíso, mas não tanto a ponto de ser considerado bobo, sabes?

Um – Eu entendo.

Dois – Então, qual é o meio-termo?

Um – Quer dizer que...

Dois – Vamos tomar Jesus, por exemplo.

Um – Jesus?

Dois – Não achas que ele era um pouco bom demais?

Um – Mas vamos lá... Por que dizes isso?

Dois – No final, ele acabou na cruz...

Um – É verdade.

Dois – Quem é bonzinho, é sempre comido, eu te digo. Minha esposa está certa.

Um – Meu Deus... Talvez ela não esteja totalmente errada.

Dois – Pelo menos ele acabou no paraíso, não é?

Um – Quem?

Dois – Jesus!

Um – Jesus? No paraíso? Devo admitir que é uma pergunta... que nunca me fiz.

Dois – Mas então onde está?

Um – Onde?

Dois – Se ele não está no paraíso, onde está?

Um – Bem... Eu não sei.

Dois – E o que ele faz o dia todo?

Um – Como ele ocupa seus dias...?

Dois – Vou perguntar ao Chat GPT sobre isso.

Ele pega o celular e começa a digitar no teclado.

Um – E então?

Dois – Segundo o Chat GPT, Jesus está esperando que Deus o instrua a voltar à Terra...

Um – Esperando...?

Dois – Esperando.

Um – E ele não faz mais nada?

Dois – É o que o Chat GPT diz.

Um – Bem...

Dois – Certamente ele faz algo enquanto espera. Mas o quê?

Um – Eu não sei...

Dois – Se nem mesmo o Chat GPT sabe onde Jesus está ou o que ele faz o dia todo...

Um – Por outro lado, meu filho, sabes o que dizem...

Dois – O quê?

Um – Grande é o mistério da fé...

Dois – Sim...

Um – Sim...

Um momento.

Dois – Quem é bonzinho, é sempre comido., eu te digo...

Escuro.

5 – Demasiado rico

Um personagem está lá. Chega outro, mostrando um largo sorriso.

Dois – Bom dia, senhor, tenho uma boa notícia para lhe dar!

Um – Bem, comece pela má.

Dois – Ah... não, eu não disse que tenho uma boa e uma má notícia... Apenas uma boa notícia.

Um – Ah, desculpe. Quando não se está acostumado... E... qual é essa má notícia?

Dois – Você validou um bilhete da Lotaria há uma semana?

Um – Sim.

Dois – Anuncio que você ganhou.

Um – Ganhei? Eu? Quanto?

Dois – 233 milhões de euros.

Um – 233 milhões?

Dois – 233 milhões.

Um – Ah, sim, é uma quantia significativa.

Dois – Mas parece que não te alegra muito.

Um – Sim, sim, claro, mas...

Dois – Mas?

Um – Não é um pouco demais?

Dois – Demais?

Um – Quero dizer... um milhão está bom. Compro uma casa e...

Dois – E?

Um – Você tem razão. Digamos então 10 milhões. Compro uma casa e paro de trabalhar. Mas 233 milhões...

Dois – Entendo que precise de algum tempo para se acostumar com a ideia.

Um – Não poderia ser um pouco menos?

Dois – Menos?

Um – Não sei... Digamos 33 milhões de euros. Posso garantir que não posso aceitar mais...

Dois – Lamento, mas é isso ou nada.

Um – Vou ter que pensar.

Dois – Sim, tome seu tempo para pensar. Mas não muito. Porque há um prazo, sabe? Para reclamar o prêmio, quero dizer...

Um – Você sabe como é, com centenas de milhões de euros, eu não teria mais família. Nem amigos.

Dois – Acredite, com tamanha fortuna, você encontrará primos distantes que pensava estar perdidos. E descobrirá que tinha muito mais amigos do que imaginava.

Um – Sim, mas é justamente isso que me assusta. Estarei cercado apenas por pessoas interessadas.

Dois – Sim...

Um – Sem mencionar minha esposa...

Dois – Sua esposa?

Um – Ela é comunista! Já me criticava por não ser suficientemente de esquerda... Então, quando eu disser a ela que ganhei 233 milhões de euros...

Dois – Acredite, a experiência mostra que com 233 milhões de euros, uma mulher não permanece comunista por muito tempo...

Um – Não, realmente... Minhas relações com todo o meu entorno serão completamente distorcidas...

Dois – Você conhecerá outras pessoas... Pessoas tão ricas quanto você.

Um – Não tenho ilusões, sabe. Sei que os verdadeiros ricos, aqueles que nasceram assim, nunca me aceitarão. Sempre serei o cara que ganhou sua fortuna na lotaria para eles.

Dois – Talvez...

Um – E se minha esposa me deixar? Como encontrarei outra?

Dois – Com 233 milhões de euros?

Um – Sempre pensarei que me querem pelo meu dinheiro!

Dois – Claro...

Um – Não, acho que é melhor eu ficar com outro bilhete.

Dois – Outro bilhete?

Um – Um bilhete de lotaria!

Dois – Para quê? Você já ganhou!

Um – Talvez desta vez eu tenha a sorte de ganhar um pouco menos...

Escuro.

6 – Demasiado cortês

Um personagem está lá, sentado em uma cadeira. Chega outro, aparentando ser mais velho.

Um – Bom dia... (*Levantando-se*) Mas por favor, sente-se!

Dois – O quê?

Um – Pegue o meu lugar, por favor. Eu posso muito bem ficar de pé.

Dois – Porque eu lhe dou a impressão de não conseguir ficar de pé?

Um – Não, não, de forma alguma, é só que...

Dois – Você não acha que essa atitude é um pouco ofensivo a longo prazo?

Um – Ofensivo?

Dois – Eu chamo isso de ageísmo!

Um – Ageísmo?

Dois – Exatamente! Ageísmo.

Um – Nem sequer sei o que isso significa.

Dois – Ageísmo! Como racismo ou machismo, mas contra os mais velhos.

Um – Ah, entendi.

Dois – Condescendência, se preferir. Para com mulheres, negros, mais velhos... De qualquer forma, não é exclusivo, infelizmente. Você pode imaginar a humilhação que uma idosa negra deve sentir quando um jovem idiota branco oferece a ela o seu assento no ônibus? Por pura condescendência.

Um – Uma idosa negra... como a Rosa Parks, quer dizer?

Dois – Então você menospreza os mais velhos?

Um – Ah, não, de jeito nenhum, eu garanto. Eu adoro os mais velhos.

Dois – Ah, aí está! "Adoro os mais velhos!" Como se os mais velhos fossem uma raça à parte... Isso é racismo anti-idoso.

Um – Desculpe, sinto muito...

Dois – É como se você me dissesse: adoro árabes, aliás, minha empregada doméstica é marroquina. Ou adoro homossexuais, aliás, meu cabeleireiro é transgênero.

Um – Ah, entendo...

Dois – Um dia você também será mais velho, sabe? Você nunca será negro, com certeza. Mas será mais velho.

Um – Claro, estou perfeitamente consciente disso...

Dois – Não parece...

Um momento.

Um – Então... você não quer se sentar de verdade?

Dois – Exatamente, continue assim...

Um – Não me importo, garanto. Pelo contrário, fico feliz.

Dois – Pare, por favor!

Um – Não quer se sentar?

Dois – Sim, mas...

Um – Mas...?

Dois – Desconfio...

Um – Você desconfia de mim? Não deveria, eu garanto! Você tem medo de mim? Mas vamos lá... Por quê?

Dois – Não sei, é você... é muito cortês para ser honesto.

Um – Certo... Bem... Então, fique de pé se quiser.

Dois – Claro que vou, não preciso da sua permissão!

Um momento.

Um – Por outro lado, nota-se logo que você é honesto.

Dois – Ah, sim?

Um – Não se pode acusá-lo precisamente de excesso de cortesia.

Dois – Ah, sim? Repita isso pra ver.

Um – Velho idiota.

Dois – Imbecil.

Um – Carcassa.

Dois – Analfabeto.

Um – Múmia.

Dois – Procrastinador.

Um – Procrastinador? Tem certeza de que isso é um insulto?

Dois – Ah, não?

Um – Sabe o que significa?

Dois – Não, e você?

Um – Eu também não.

Um momento.

Dois – Acho que nos deixamos levar um pouco.

Um – Sim.

Dois – No final, vou me sentar.

Um – Ah, sim? E acha mesmo que vou deixar você pegar meu lugar agora?

Dois – Não?

Um – Você vai continuar de pé. Assim você vai aprender.

Dois – Eu já sabia... Nenhum respeito pelos mais velhos...

Escuro.

7 – Demasiado curta

Dois personagens. Permanecem em silêncio por um momento.

Um – Como o tempo passa...

Dois – Que horas são?

Um – Não, queria dizer... em geral.

Dois – Em geral?

Um – Como o tempo passa... em geral.

Dois – Ah, sim...!

Um – Ontem ainda tinha vinte anos...

Dois – Sim...

Um – Se os jovens soubessem como a vida é curta...

Dois – Achas que não sabem?

Um – Isso não os impede de pensar que os velhos são uma espécie à parte.

Dois – Há que dizer que os velhos nem sempre fazem muito esforço para se manterem jovens.

Um – Para eles, somos velhos resmungões.

Dois – Não somos?

Um – Também há jovens idiotas.

Dois – Pelo menos têm a desculpa da juventude.

Um – Tens razão... Se os jovens soubessem como a vida é curta...

Dois – Já seriam velhos.

Escuro.

8 – Demasiado rápido

Um personagem está lá. Chega um segundo personagem.

Um – Bom dia. Posso dar-te um beijo?

Dois – É simpático perguntar antes, mas... não é um pouco rápido?

Um – Não sei.

Dois – Vais achar-me um pouco antiquado, mas, para mim, é um pouco demasiado rápido.

Um – Desculpa. Seguramente tens razão.

Dois – Afinal de contas, não nos conhecemos.

Um – É verdade.

Dois – Para começar a conversa, admite que é um pouco direto.

Um – Sim, é verdade. Mas então... o que poderia ter dito?

Dois – Não sei, podias... ter-me pedido lume, por exemplo.

Um – Isso está um pouco desatualizado, não?

Dois – Sim... De facto, não tenho lume.

Um – E além disso, não fumo.

Dois – Isso é um bom ponto a teu favor.

Um – Ah, sim?

Dois – Mas não te entusiasmes demasiado.

Um – Desculpa...

Dois – É verdade que és muito giro, mas... precisamente.

Um – Precisamente o quê?

Dois – Sabes o que se diz...

Um – Não...

Dois – Bom demais para ser verdade.

Um – Lisonjeias-me, mas... Bom demais... Não exageres.

Dois – E sabes o que se diz também.

Um – O quê?

Dois – Quem tudo quer, tudo perde.

Um – É verdade, tinha-me esquecido que também se diz isso.

Dois – Não, a sério, seria um pouco precipitado. Mas podemos cumprimentar-nos com um beijo na bochecha, se quiseres...

Um – Tens razão, é melhor começar devagar.

Dão um beijo.

Dois – Parece-te bem, não foi demasiado...?

Um – Não, não, esteve bem.

Dois – Podíamos ter-nos limitado a apertar a mão, mas...

Um – Talvez não tivesse sido suficiente...

Dois – Da próxima vez, talvez.

Um – Sim...

Dois – Sempre me impus essa regra, de qualquer forma. Nunca no primeiro encontro.

Um – Claro... Ao mesmo tempo, tem que haver uma primeira vez.

Dois – É verdade...

Um – Não, porque nunca no primeiro encontro... Também não te estava a pedir que...

Dois – Está claro.

Um – Enfim, tu decides.

Dois – Então achas que fui um pouco...

Um – Francamente, já não sei.

Dois – É verdade que há que encontrar um equilíbrio.

Um – Tens razão, fui um pouco demasiado direto.

Dois – Embora, por outro lado, ao menos disseste olá antes.

Um – Desculpa?

Dois – Disseste: Bom dia. Posso dar-te um beijo? Portanto, ao menos disseste olá. Antes.

Um – É verdade.

Dois – É bastante direto mas... educado, afinal.

Um – Sim.

Dois – Agora... é verdade que és muito giro.

Um – Bom demais para ser verdade...

Dois – E eu?

Um – Tu?

Dois – Não sou um pouco... bom demais para ser verdade, quero dizer?

Um – Não, estás bem. És... de uma beleza bastante credível.

Dois – Não sei muito bem como levar isso...

Um – Desculpa, não era minha intenção...

Dois – Melhor ficamos com um beijo na bochecha, no final.

Um – Ok.

Dois – Talvez na próxima vez.

O segundo personagem sai.

Um – Acho que fui um pouco demasiado... Ou talvez não o suficiente?

Escuro.

9 – Demasiado cansativo

Um personagem está ali. Chega um segundo.

Um – Há demasiados desempregados neste país.

Dois – É verdade.

Um – Quantos há?

Dois – Não sei.

Um – De qualquer forma, há demasiados.

Dois – Certamente.

Um – E por que há tantos?

Silêncio.

Dois – Porque há demasiados trabalhadores.

Um – O quê?

Dois – Bem... Quem tira o trabalho aos desempregados?

Um – Quem?

Dois – Os trabalhadores!

Um – Sim, é verdade o que dizes...

Dois – Pois então...

Um – Então, se há demasiados desempregados, é porque há demasiados trabalhadores?

Dois – Se houvesse menos trabalhadores, haveria mais trabalho para os desempregados, não? É lógico.

Um – É verdade.

Dois – Assim, poderíamos dizer também: há demasiados trabalhadores neste país.

Um – Tens razão. São os trabalhadores que tiram o trabalho aos desempregados, se pensares bem.

Dois – Pois claro!

Um – E aquele outro, que se ouve na televisão: trabalhadores, trabalhadoras... Que disparate!

Dois – Desempregados, desempregadas, sim! É isso que deveríamos dizer!

Um – Trabalhadores, trabalhadoras...

Dois – Que disparate...!

Silêncio.

Um – Há uma pilha de pratos no lava-loiça...

Dois – Só de pensar nisso, canso-me.

Um – Lavas e eu seco?

Dois – Vamos a isso...

Escuro.

10 – Demasiado tempo

Um personagem está aqui. Chega um segundo.

Um – Achas que vão lembrar-se de nós depois da nossa morte?

Dois – Queres dizer... as pessoas que nos conheceram quando estávamos vivos? A família, os amigos...

Um – Não, refiro-me... depois. Quando todas as pessoas que nos conheceram também já estiverem mortas.

Dois – Já percebo... Passaremos à posteridade?

Um – Porque não?

Dois – Teríamos que ter feito algo realmente significativo, não é?

Um – Suponhamos que fizemos algo realmente significativo.

Dois – De acordo... Como acabar com o apartheid, como Nelson Mandela.

Um – Mandela não foi há tanto tempo. Ainda há pessoas que o conheceram pessoalmente... Não há garantia de que daqui a cem anos...

Dois – Certo... Então estamos a falar de ficar para sempre na memória coletiva.

Um – O que é preciso fazer para alcançar a imortalidade, na tua opinião?

Dois – Exterminar milhões de pessoas, como Hitler ou Pol Pot?

Um – Digamos que deixar uma boa recordação, se possível.

Dois – Descobrir a América, como Cristóvão Colombo...?

Um – Não tenho a certeza de que os índios guardem uma boa recordação... Mas é verdade. Foi há quinhentos anos, e toda a gente ainda se lembra.

Dois – Fundar uma religião, como Jesus Cristo...

Um – Foi há 2000 anos.

Dois – E provavelmente ainda se lembrarão durante muito tempo mais.

Um – Sim, mas há pessoas conhecidas desde há muito mais tempo.

Dois – Sim...

Um – Sabes quem é o ser humano mais antigo de que ainda se lembra hoje em dia?

Dois – Lucy?

Um – Lucy não é mais do que um monte de ossos. O esqueleto nem sequer está completo. E não sabemos nada sobre ela.

Dois – Sabemos que era uma mulher.

Um – Isso é bastante escasso para passar à posteridade. Especialmente porque, de certeza, não se chamava Lucy quando estava viva.

Dois – Bem... Então quem?

Um – O faraó Narmer. Viveu há cinco mil anos. É a figura histórica mais antiga de que ainda se lembra hoje em dia, por ter unificado o Alto e o Baixo Egito.

Dois – Eu não me lembro dele.

Um – Os egiptólogos lembram-se dele.

Dois – E quando já não houver mais egiptólogos?

Um – Sempre haverá alguns egiptólogos, não achas?

Dois – Sempre, achas? E quando a Terra for destruída pela loucura dos homens?

Um – De certeza que ainda restará algum egiptólogo entre os sobreviventes.

Dois – E quando o Sol engolir a Terra, dentro de cinco mil milhões de anos?

Um – Até lá, talvez os humanos já tenham encontrado uma forma de colonizar outro planeta.

Dois – Levando consigo um egiptólogo? Não tenho a certeza de que os escolham para salvar em primeiro lugar...

Um – De qualquer forma, ficará nos livros de egiptologia.

Dois – E quando o universo se autodestruir, seja pelo big crunch ou pelo big freeze, conforme a teoria que se verificar na altura?

Um – Sim... Nessa altura, de certeza que não haverá ninguém que se lembre de nós.

Dois – Embora já haja muita gente que nos esqueceu e ainda não estamos mortos.

Um – Tens razão... Para quê esforçarmo-nos para fazer algo significativo para alcançar a imortalidade? Se, de qualquer forma, a longo prazo, todos estamos condenados a cair no esquecimento.

Silêncio.

Dois – Vamos tomar outra bebida para esquecer esta triste realidade...

Escuro.

11 – Demasiado lento

Um personagem está aqui. Chega um segundo.

Um – Não te sentes bem? O que se passa?

Dois – Fui multado novamente. Por um radar...

Um – Por um radar?

Dois – Sim, por um radar! Não por um paparazzo...

Um – Ah, sim... Ias demasiado rápido...?

Dois – Não, ia demasiado lento.

Um – O que dizes...?

Dois – Sim, apanharam-me a doze quilómetros por hora.

Um – É incrível...

Dois – Na autoestrada. Tinha acabado de sair da bomba de gasolina.

Um – A doze quilómetros por hora...

Dois – Não tenho um carro desportivo, preciso de tempo para ganhar velocidade. Quinhentos euros.

Um – Não?

Dois – Claro que não, idiota!

Um – Não te multaram?

Dois – Sim!

Um – Mas... porquê?

Dois – Porque ia demasiado rápido, imbecil! Multaram-me, estou-te a dizer!

Um – Não é preciso reagir assim. Também não estava muito claro...

Dois – Parece mais que tu é que não tens as ideias muito claras... Estás bem?

Um – Acabei de sair do hospital.

Dois – A sério? Então é por isso que estás um pouco atordoado. O que te aconteceu?

Um – Reação alérgica a uma picada de abelha. Na garganta.

Dois – A sério?

Um – Sim. Nem imaginas. As abelhas, uma porcaria, acredita.

Dois – Produzem mel. E permitem a polinização. Quando não houver mais abelhas... com todos os produtos químicos...

Um – Produtos químicos?

Dois – Os que colocam nas culturas. As abelhas polinizam as flores, e é isso que as envenena.

Um – Sabes muito sobre abelhas.

Dois – Tenho um amigo que é apicultor.

Um – De qualquer maneira, não pensei que com uma simples picada de abelha acabaria nas urgências.

Dois – Pode ser por isso.

Um – Claro que é por isso! Picou-me uma abelha, estou-te a dizer!

Dois – Não, quero dizer, pode ser por esses produtos químicos. As abelhas recolhem-nos, e depois, quando te picam, injetam-te todas essas porcarias.

Um – Queres dizer que se uma abelha que só polinizasse culturas biológicas me tivesse picado, não teria acabado nas urgências?

Dois – Quem sabe...? Mas agora estás bem?

Um – Sim, estou bem. E tu?

Dois – Tirando que fui multado...

Escuro.

12 – Demasiado centrista

Dois personagens folheiam uma série de manifestos eleitorais.

Um – Quantos há exatamente?

Dois – Vinte e três.

Um – É incrível. Em cada eleição, há sempre mais candidatos.

Dois – Deve ser a inflação.

Um – Sim. E os candidatos, como as notas, quanto mais em circulação, menos valem.

Silêncio.

Dois – Em quem vais votar?

Um – Não sei... Gosto deste...

Dois – Qual?

Um – Aquele que anda sempre com uma gravata bonita e está sempre bem penteado.

Dois – Ah, sim...

Um – Olha este outro. Podia ao menos ter-se barbeado!

Dois – E que achas deste? A mim parece-me que também tem boa aparência.

Um – Sim... Talvez até demais.

Dois – Demais?

Um – Não sei... Não será um pouco...?

Dois – Não...? Achas?

Um – Ou talvez este outro.

Dois – Qual?

Um – Este!

Dois – Parece o Inspetor Colombo.

Um – É verdade... Mas eu gosto do Inspetor Colombo.

Dois – Além disso, da última vez que o vi na televisão, que palavrões ele dizia!

Um – Sim...

Dois – Não, este outro é sempre muito cortês.

Um – Sim, mas já sabes o que dizem.

Dois – O quê?

Um – Muito cortês para ser honesto.

Dois – Embora os mal-educados também nem sempre sejam honestos.

Um – Não, também não.

Dois – Quando se representa o país, especialmente no estrangeiro...

Um – Sim.

Dois – No nosso tempo, quando ainda usavam uniforme, isso sim impunha mais respeito.

Um – É verdade... Embora o General de Gaulle... Os uniformes dele nem sempre estavam bem cortados, certo?

Dois – É que ele era muito alto.

Um – Há aqueles a quem o fato fica grande, a ele era ao contrário. Era um pouco alto demais para o seu uniforme.

Dois – É verdade que o General Franco ficava melhor no uniforme.

Um – Porque era mais baixo.

Dois – Bem, tudo isso não nos diz em quem vamos votar.

Um – Este parece completamente idiota.

Dois – É o candidato em exercício.

Um – A sério?

Dois – Foi nele que votamos da última vez.

Um – A sério? Nem me tinha apercebido de que era tão feio.

Dois – É este outro?

Um – Muito centrista.

Dois – Como assim muito centrista? Como se pode ser muito centrista? O centro é o centro, não é?

Um – Não digo que seja muito centrista em comparação com o centro, digo que é muito centrista para mim.

Dois – Queres que ele seja mais de esquerda?

Um – Não sei. Ou mais de direita. Porque o centro...

Dois – Sim, falta-lhe um pouco de...

Um – É verdade, parece um pouco fraco.

Dois – Olha, este outro nunca experimentámos.

Um – Sim... Embora, também nunca experimentei a sodomia.

Dois – O quê?

Um – Nada, nada, estava a pensar... Sim, por que não este?

Escuro.

13 – Demasiado estático

Dois personagens, de estilo burguês boémio olham fixamente em frente.

Um – Lembras-te? Quando nos mudámos para aqui, à volta só havia campos.

Dois – Até havia vacas.

Um – E ainda se via o rio a correr. Eu ia pescar lá quando era criança.

Dois – Agora passa por baixo do estacionamento do centro comercial, num grande tubo. E a nossa casa está rodeada de blocos de apartamentos.

Um – Sim... Vivíamos no campo, e sem nos termos mexido, agora vivemos na cidade.

Dois – Quando não te mexes durante muito tempo, acabas por te encontrar noutra lugar sem te dares conta, porque o mundo à tua volta mudou.

Um – Nós também. Em 68 éramos rebeldes, e agora somos uns velhos rabugentos.

Dois – E no entanto, não parece que tenhamos mudado.

Um – Nascemos na época dos gira-discos, inventámos o walkman para podermos ouvir música enquanto andávamos, mas no final não fomos a lado nenhum.

Dois – Não avançámos.

Um – E agora, aqui estamos.

Dois – Num bairro, rodeados de jovens que já não falam o nosso idioma.

Um – No entanto, tentámos educá-los.

Dois – Oferecendo-lhes bilhetes com desconto para irem ao teatro ouvir os clássicos.

Um – Preferiram fazer rap.

Dois – Odeio o rap.

Silêncio.

Um – Vais ao festival de Avignon este verão?

Dois – Não sei bem. Até o festival de Avignon já não é o que era.

Um – Eu que conheci a Cour d'Honneur nos tempos de Jean Vilar.

Dois – Ele também tentou educar as massas, levando-lhes os grandes clássicos às suas casas nas províncias afastadas.

Um – Racine, Sófocles, Claudel...

Dois – Também não funcionou durante muito tempo.

Um – No "IN" só há reformados, e no "OFF" só há bárbaros.

Dois – Hoje em dia, qualquer um pode subir a um palco numa garagem e contar a sua vida em frente aos seus amigos.

Um – É como nas redes sociais.

Dois – Talvez isso seja, no fim de contas, a ditadura do proletariado.

Um – Sim... os jornais de esquerda já não têm leitores.

Dois – E o Partido Socialista já não tem eleitores.

Um – Exceto alguns velhos rabugentos como nós.

Dois – E se nos mudássemos?

Um – Para onde?

Dois – Para o campo.

Um – Foi isso que fizemos em 68. Mas a cidade alcançou-nos...

Dois – Aparentemente, não nos afastámos o suficiente...

Escuro.

14 – Demasiado é demasiado

Dois personagens. Permanecem em silêncio durante um longo momento.

Um – Demasiado é demasiado! Já chega!

O outro olha-o um pouco surpreendido.

Dois – Eh... Sim...

Um – Não tenho razão?

Dois – Sim...

Um – Mas... o quê?

Dois – Nada, nada...

Um – Não estás de acordo?

Dois – Sim, sim...

Um – Mas vá lá! Não estás de acordo comigo?

Dois – Sim, mas...

Um – Mas o quê?

Dois – Acho que estás a exagerar um pouco, só isso.

Um – Eu? A exagerar um pouco?

Dois – Sim, acho que estás a exagerar. Muito, na verdade.

Um – Bem, então...

Dois – Sim...

Um momento.

Um – Por falar nisso... Como é que se pode exagerar demasiado?

Dois – Não me faças dizer o que eu não disse, está bem? Não disse que estavas a exagerar demasiado, o que seria um pleonasma. Disse que estavas a exagerar muito.

Um – Como é que se pode exagerar muito, quando exagerar demasiado já é um pleonasma?

Dois – Porque demasiado é demasiado! Alguém pode exagerar ou não exagerar. Não se pode exagerar demasiado. É categórico. É uma verdade absoluta. Mas exagerar um pouco ou muito, ou até demasiado, é a percepção do falante. É um juízo relativo. E desse ponto de vista pessoal e subjetivo, existe uma certa tolerância à exageração.

Um – A sério...?

Dois – O Andaluz, por exemplo, tende a exagerar. Toleramos que exagere um pouco, é isso que lhe dá o seu charme. Um Andaluz que não exagerasse o suficiente não seria realmente um Andaluz. Mas também não deve exagerar demasiado, entendes? Há um limite para a exageração, afinal!

Um – Eh... Sim...

Dois – Pronto.

Um – Ao mesmo tempo, só disse "demasiado é demasiado".

Dois – Sim. Mas acrescentaste "já chega". É aí que acho que estás a exagerar um pouco. Ou até muito. (*Um momento*) Até para um Andaluz...

Um – Então, achas que sou demasiado excessivo?

Dois – Demasiado excessivo, não. Isso seria outro pleonasma. Digamos antes um pouco ou muito excessivo. Ou melhor ainda, muito excessivo.

Um – Muito, demasiado... Não é a mesma coisa?

Dois – Não estás a ouvir o que te estou a dizer? Demasiado é a ideia de ultrapassar um limite. É binário. Estás abaixo ou acima do limiar. E o mesmo se aplica à noção de excesso, que implica superar uma norma. Por isso demasiado excessivo é um pleonasma.

Um – Ah, sim...

Dois – Em contrapartida, muito é uma questão de grau. É progressivo. Em resumo, só se pode estar de um lado ou do outro do limite, por isso demasiado excessivo é pleonástico. Mas uma vez que se ultrapassam os limites, pode-se afastar mais ou menos deles. Essa é a ideia de muito excessivo.

Um momento.

Um – Não achas que estás a exagerar um pouco...?

Dois – Desculpa, não sei o que me deu.

Escuro.

15 – Demasiado tarde

Um personagem está ali. Varre o chão. Outro chega, claramente ofegante.

Um – Desculpa, o meu relógio parou. Percebi uma hora depois... Chego demasiado tarde?

Dois – Demasiado tarde...? Sim. Acabou de terminar mesmo agora.

Um – Porra! Contava com este salário para pagar a minha renda.

Dois – Pois agora oficialmente estás desempregado. E um emprego... não estou seguro de que o encontres no teatro.

Um – Posso fazer qualquer coisa, acredita!

Dois – Sabias o teu texto pelo menos?

Um – Ah, porque era preciso aprender um texto? Pensava que era um espetáculo de improvisação.

Dois – Pois não, ainda fazemos as coisas à moda antiga, sabes?

Um – À moda antiga...?

Dois – O autor escreve um texto. E os atores devem aprendê-lo. Antes de o representar.

Um – Ah, percebo.

Dois – Sim... Então chegas depois da representação e não sabes o teu texto, certo?

Um – De acordo, então está lixado.

Dois – Como simpatizo contigo, dou-te uma última oportunidade, vá lá. Toma (*Oferece-lhe a vassoura*) Mostra-me o que sabes fazer em improvisação...

Um – Obrigado! Vou surpreender-te, vais ver! (*Toma a vassoura com hesitação*) E... isto está remunerado?

O outro entrega-lhe uma nota de cinco euros.

Dois – Toma, será para o teu relógio.

O outro olha para a nota.

Um – Achas mesmo que se pode comprar um relógio com cinco euros?

Dois – Sempre podes mudar a pilha... Bem, queres este papel ou não?

Um – Sim, sim, claro!

Dois – Força! Mostra-me um pouco do que sabes fazer com uma vassoura...

O primeiro começa a varrer de maneira um tanto teatral. O segundo observa-o com uma expressão desiludida.

Dois – Não exageres demasiado...

O outro começa a varrer de maneira aparentemente despreocupada.

Um – E assim?

Dois – É melhor... Bem, deixo-te trabalhar no teu papel... No pior dos casos, servirá para a tua futura carreira...

Um – Obrigado! A sério...

Dois – Vais fechar a porta ao sair?

Sai. O outro continua a varrer, experimentando diferentes estilos de atuação.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-226-5

Documento para download gratuito